



Universidades Lusíada

Pinto, Mariana Serafim

Funcionamento familiar e resistência à mudança nos adultos

<http://hdl.handle.net/11067/6720>

Metadados

Data de Publicação

2022

Resumo

A família, é a primeira escola dos valores essenciais, resistindo a possíveis mudanças menos positivas para o equilíbrio do sistema familiar no seu conjunto. A família não é somente o lugar de crescimento pessoal, dos afetos, da transmissão da cultura entre as gerações, é também uma comunidade de amor, o lugar do direito e do princípio do cuidado, da solidariedade, partilha, amizade, companheirismo, respeito e unidade (Silva, 2009). O presente estudo teve como objetivo analisar as relações entre...

The family is the first school of essential values, resisting possible less positive changes for the balance of the family system as a whole. The family is not only the place for personal growth, affection, the transmission of culture between generations, it is also a community of love, the place of the right and the principle of care, solidarity, sharing, friendship, companionship, respect and unit (Silva, 2009). The present study aimed to analyze the relationships between Family Functioning a...

Palavras Chave

Psicologia, Psicologia clínica, Bem-estar - Aspectos psicológicos - Adultos, Avaliação psicológica - Funcionamento familiar, Competências emocionais - Competências sociais, Teste psicológico - Questionário sociodemográfico, Teste psicológico - The Resistance to Change Scale (RTC), Teste psicológico - System Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15)

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-15T17:19:53Z com informação proveniente do Repositório



Universidade Lusíada
Porto

Funcionamento Familiar e Resistência à Mudança nos adultos

Dissertação de Mestrado em **Psicologia Clínica**
Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada

PORTO, 2023

Mariana Serafim Pinto



instituto de psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada



Universidade Lusíada
Porto

Funcionamento Familiar e Resistência à Mudança nos adultos

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada

PORTO, 2023

Mariana Serafim Pinto

Trabalho efectuado sob a orientação do/a
Prof.Doutora Joana Oliveira



instituto de psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada

Agradecimentos

Ao finalizar este percurso tão importante da minha vida, queria expressar o meu agradecimento a todos aqueles que estiveram presentes e me apoiaram nesta longa caminhada e que, direta ou indiretamente, tornaram possível a realização deste trabalho e me proporcionaram momentos de crescimento pessoal e profissional.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Joana Oliveira, pela disponibilidade e pela paciência, pela orientação, serenidade que me transmitiu e o importante contributo que deu à minha formação académica, com a partilha de conhecimentos e experiências.

Agradeço ao Professor Doutor Paulo Moreira pela sua disponibilidade e compreensão, por todo o suporte e partilha de conhecimento e experiências ao longo de todo o percurso. Agradeço também, a todos/as os/as docentes da Universidade Lusíada que fizeram parte deste meu percurso e contribuíram, através dos seus conhecimentos e partilha de experiências para a minha formação pessoal e profissional.

À minha família, em especial, aos meus pais e ao meu irmão, o meu mais profundo e especial agradecimento pelo apoio e amor incondicional, por me proporcionarem a continuidade dos meus estudos, e pela enorme dedicação ao longo destes anos. Sem eles, não seria possível chegar até aqui. Estarei para sempre grata por tudo.

Ao, Bruno, que me acompanhou desde o primeiro momento e me fez sentir capaz de ultrapassar os maiores obstáculos, pelo amor, apoio e tranquilidade emocional que me deram alento e força para a realização deste trabalho deixo aqui um agradecimento especial.

Obrigada às minhas amigas de sempre pelo suporte e incentivo durante esta jornada.

Não posso deixar de agradecer àqueles que já partiram, mas que ainda hoje os tenho comigo. Para sempre, com muitas saudades!

A todos,

O meu eterno agradecimento

Índice

Introdução.....	8
1.Enquadramento Teórico	10
1.1 Resistência à mudança	10
1.2 Funcionamento Familiar	13
2.Objetivos Gerais e Objetivos Específicos	18
3.Metodologia.....	19
3.1 Tipo de estudo	19
3.2 Participantes	20
3.3 Instrumentos	21
3.3.1 Questionário Sociodemográfico	21
3.3.2 Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE -15)	21
3.3.3 The Resistance to Change (RTC) Scale	22
3.4 Procedimento de recolha de dados	23
3.5 Análise de dados	23
4.2 Diferenças em função do sexo	26
5.Discussão de resultados	29
6.Conclusão	32
7.Referências.....	34

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Estatísticas.....	
Tabela 2 – Sexo dos participantes.....	
Tabela 3 – Nacionalidade do participante.....	
Tabela 4 – Associação entre as dimensões Funcionamento Familiar e Resistência à Mudança.....	

Abreviaturas e siglas

RTC- *The Resistance to Change*

SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*

SCORE-15 – *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation*

CIPD- Centro de Investigação em Psicologia para o Desenvolvimento

Abreviaturas em Latim

e.g. (exempli gratia) -por exemplo

et al. (et alia) -e outros

Resumo

A família, é a primeira escola dos valores essenciais, resistindo a possíveis mudanças menos positivas para o equilíbrio do sistema familiar no seu conjunto. A família não é somente o lugar de crescimento pessoal, dos afetos, da transmissão da cultura entre as gerações, é também uma comunidade de amor, o lugar do direito e do princípio do cuidado, da solidariedade, partilha, amizade, companheirismo, respeito e unidade (Silva, 2009). O presente estudo teve como objetivo analisar as relações entre o Funcionamento Familiar e a Resistência à mudança nos adultos em função do sexo. Participaram neste estudo 375 participantes, sendo este divididos por 112 do sexo masculino (29,9%) e 262 do sexo feminino (69,9). Foram aplicados vários questionários que permitiram conhecer as características sociodemográficas dos participantes, avaliar o funcionamento familiares (*Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation* e SCORE-15) e avaliar a Resistência à Mudança (*The Resistance to Change (RTC) Scale*). Não se verificou a existência de diferenças significativas entre a variável Funcionamento Familiar e Resistência à Mudança. No entanto observou-se entre as subescalas de cada variável diferenças estatisticamente significativas de forma positiva e negativa. A subescala *Rigidez Cognitiva* revelou uma correlação estatisticamente negativa em relação a todas as subescalas do estudo, ou seja, quando menor for a rigidez cognitiva melhor será a Resistência à Mudança e menor será o Funcionamento Familiar. No que respeitas as diferenças entre sexos, conclui-se que o sexo feminino tem mais dificuldades em regular as suas emoções comparativamente ao sexo masculino.

Palavras-chave: Funcionamento Familiar; Resistência à Mudança; parentalidade; Relação Familiar; Reação Emocional;

Abstract

The family is the first school of essential values, resisting possible less positive changes for the balance of the family system as a whole. The family is not only the place for personal growth, affection, the transmission of culture between generations, it is also a community of love, the place of the right and the principle of care, solidarity, sharing, friendship, companionship, respect and unit (Silva, 2009). The present study aimed to analyze the relationships between Family Functioning and Resistance to Change in adults. A total of 375 participants participated in this study, divided into 112 males (29.9%) and 262 females (69.9%). Several questionnaires were applied that allowed to know the sociodemographic characteristics of the participants, to evaluate the family functioning (Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation and SCORE-15) and to evaluate the Resistance to Change (The Resistance to Change (RTC) Scale). The results obtained suggest that there were no significant differences between the variable Family Functioning and Resistance to Change. However, positive and negative differences were observed between the subscales of each variable. The Cognitive Rigidity subscale revealed a statistically negative correlation with all subscales of the study, that is, the lower the cognitive rigidity, the better the Resistance to Change and the lower the Family Functioning. Regarding the differences between sexes, it is concluded that females have more difficulties in regulating their emotions compared to males.

Keywords: Family Functioning; Resistance to change; parenting; Family Relationship; Emotional Reaction.

Introdução

A família designa-se como sendo um grupo primário onde o indivíduo desenvolve vínculos e onde se transmite valores éticos, culturais e religiosos (Stacciarini, 2013). As bases familiares têm na sua gênese experiências simbólicas, cujo o significado contribui para a atribuição de um significado por cada membro da família (Gomes & Pereira, 2005), sendo neste momento onde ocorrem os primeiros passos e processos de socialização do indivíduo (Stacciarini, 2013). Deste modo é através de aprendizagens de normas e regras básicas de relacionamento que o indivíduo se torna membro de um determinado grupo social (Stacciarini, 2013).

Alguns autores desenvolveram modelos explicativos que integravam a compreensão da forma como os membros da família se interligavam emocionalmente e os seus comportamentos, (Gomes & Pereira, 2014). Minuchin (1974, cit in Carvalho et al., 2018), propôs um esquema conceitual do funcionamento familiar considerando a família como um sistema social aberto e em constante transformação, passando por um conjunto de etapas que permitem que a mesma se desenvolva e reestruture.

A família deverá adaptar-se às circunstâncias mantendo a sua organização e continuidade, permitindo que os seus membros cresçam psicossocialmente (Minuchin, 1974, cit in Carvalho et al., 2018). Segundo este autor, o funcionamento familiar é caracterizado pela capacidade da família em trabalhar de forma coesa e de se adaptar a diferentes situações (Minuchin, 1974, cit in Carvalho et al., 2018).

É comum no contexto familiar a existência de discussões e conflitos, e para que estes se resolvam e se desenvolva um seio familiar equilibrado, é necessário que a família proporcione uma rede de apoio e suporte (Alarcão, 2000). Contudo, existem diversos contextos familiares que não conseguem promover um desenvolvimento saudável aos

seus membros, contribuindo conseqüentemente para níveis de bem-estar mais baixos (García et al., 2009).

Oreg (2006) designa a resistência à mudança como sendo um traço de personalidade estável, onde as pessoas mais resistentes a novas mudanças são menos predispostas a incorporar as mudanças, quando estas são impostas, acabando por experimentar reações emocionais negativas, como ansiedade, raiva e medo.

No primeiro capítulo da dissertação será apresentada uma revisão da literatura das dimensões em estudo, Funcionamento Familiar e a Resistência à Mudança. Posteriormente, serão apresentados os objetivos do estudo e de seguida, será apresentado o desenho do estudo, a caracterização da amostra, os instrumentos utilizados e os procedimentos de recolha e análise de dados. No quarto capítulo serão analisados os resultados obtidos na análise estatística efetuada e, seguidamente, serão discutidos os mesmos. Para finalizar, serão apresentadas as conclusões, as principais limitações do estudo e propostas para investigações futuras.

1.Enquadramento Teórico

1.1 Resistência à mudança

A resistência à mudança refere-se à tendência dos indivíduos evitarem mudanças e de as subestimar em diferentes contextos (Oreg. 2003). A resistência à mudança pode ser explicada pela teoria de status em que os indivíduos preferem manter situações atuais ou decisões passadas (Samuelson e Zeckhauser, 1988).

Quando um individuo recusa-se a obedecer ou a seguir conselhos de alguém que aparente autoridade, estamos perante um exemplo de resistência, sendo assim a “resistência” um comportamento que se contrapõe a uma determinada força e a um poder opressor ou persuasivo (Knowles & Linn, 2004).

Na maioria das vezes a mudança é um fenómeno que implica, a perda de algo a que se está habituado e ao confronto com algo que ainda é desconhecido gerando uma componente de resistência no ser humano quer nas suas relações em sociedade, bem como a nível pessoal (Steinburg, 1992).

Deste modo, segundo Zander (1977), a resistência é definida com um comportamento que tem por fim defender o individuo dos efeitos de uma mudança. De acordo com Zaltman e Duncan (1977), a resistência seria então uma tentativa de manter o estado de uma situação, mesmo sob forte pressão.

Quando estudada e compreendida como uma componente do ser humano a resistência à mudança torna-se um acontecimento positivo que possibilita o individuo de forma gradual adaptar-se a uma nova situação. Por contra partida pode levar a que o individuo decida resistir a algo prejudicial que surja porventura sob aparência sedutora, sendo que nestes casos a resistência torna-se mais exige a uma maior força de vontade (Briñol et al., 2006).

A resistência refere-se à capacidade dos indivíduos adaptarem-se e, por isso, mantêm maior ou menor controlo sobre as necessidades e exigências que lhes são colocadas diariamente ou pontualmente (Block & Kremen, 1996). Deste modo, os indivíduos podem desenvolver recursos internos, cognitivos ou afetivos, característicos da própria personalidade ou vivenciar estados como reação a determinados aspetos do ambiente que influenciam a interpretação e o ajustamento aos mesmos (Van den Heuvel, et al, 2010).

A resistência à mudança acontece quando o indivíduo, a quem é exigida uma mudança, tenta proteger-se dos efeitos reais ou imaginários através da utilização de certos comportamentos e atitudes (Bortolotti et al., 2008; Hernandez e Caldas, 2001).

A rejeição de uma autoridade, uma atitude de rebeldia ou até mesmo a vontade intencionada de realizar um ato oposto ao que é exigido, é um exemplo de resistência à mudança (Brehm & Brehm, 1981; Knowles & Linn, 2004).

A resistência é vista como um acontecimento natural, mas ao mesmo tempo entendida como inimiga da mudança, podendo aparecer quando existem transformações ou inovações nas organizações, dificultando a sua implementação, bem como o seu sucesso (Yue et al., 1993).

Wadell e Sohal (1998), concluíram que a resistência é vista como um fenómeno complexo, de múltiplas facetas que insiste em afetar os resultados da mudança, tanto de forma negativa quanto positiva.

Oreg (2003) concluiu que os indivíduos diferem uns dos outros por meio da disposição interna para resistir ou aprovar mudanças, de maneira a que essas diferenças possam antecipar atitudes pessoais em relação a mudanças específicas, tanto voluntárias como impostas.

Oreg(2006) considera a disposição para a resistência à mudança como um traço de personalidade estável, em que as pessoas que têm essa disposição são menos predispostas a encorpar as mudanças voluntariamente e , quando são impostas, estão dispostas a experienciar reações negativas, como ansiedade, raiva e medo.

Dias (2008) explica que a desconfiança e a incerteza manifestam-se juntamente com a mudança, pois os indivíduos sentem-se ameaçados em relação ao seu estado atual.

Motta (1998) explica tal resistência pelo fato de que a mudança, ao mesmo tempo em que promete, desestabiliza o meio, pois submete os indivíduos a novas interpretações da realidade.

Teixeira (2007) destaca que a resistência à mudança diz respeito a um comportamento utilizado pelo individuo, com o objetivo de se proteger das consequências positivas ou negativas das mudanças. Desta forma um individuo que imagine consequências negativas que porventura podem ou não acontecer, acaba por resistir por medo das consequências dessa mudança.

Quando os individuo rotulam as mudanças como acontecimentos que levam a consequências negativas acabam por resistir à mudança. Apesar das diferenças de cada individuo em termos da disposição em prever consequências negativas, e mesmo tendo razões que pareçam lógicas a quem está de fora, as pessoas não resistem automaticamente às mudanças (Cohen & Fink, 2003, p.350).

Segundo Oreg (2003), existem seis fontes de resistência à mudança: a rigidez cognitiva, o medo de perder o controle, a falta de resiliência psicológica, a dificuldade de abandonar rotinas e hábitos, a preferência pela fraca estimulação e a intolerância a períodos de adaptação.

A resistência à mudança refere-se também à capacidade das pessoas se adaptarem mantendo maior ou menor controle sobre as necessidades e exigências que lhe são

colocadas diária ou pontualmente (Block & Kremen, 1996). Deste modo, o indivíduo dispõe ou desenvolvem recursos internos, cognitivos ou afetivos, característicos da personalidade que influenciam a interpretação e o ajustamento (Van den Heuvel, Demerouti, Bakker, & Schaufeli, 2010).

Individualmente, a resistência à mudança configurar-se-ia como um traço de personalidade relativamente estável que indica o quanto se procura e como se reage a um evento de mudança e, com exceção da rigidez cognitiva, todas as dimensões seriam uma manifestação de insegurança no sentido em que as mudanças são geradoras de stresse e colocam os sujeitos em situações sentidas como potencialmente ameaçadoras (Oreg et al., 2008).

1.2 Funcionamento Familiar

De acordo com Alarcão (2000), uma família é um espaço único para o desenvolvimento de aprendizagens em diferentes dimensões de interação, tais como: a comunicação verbal e não-verbal, a linguagem, as relações interpessoais. Para além disso é um espaço que oportuniza vivências afetivas, envolvendo emoções positivas e negativas, que em conjunto dão forma ao sentimento de pertencermos à “nossa família”. A família é descrita como um contexto de desenvolvimento primordial, permitindo que as crianças cresçam, socializem e adquiram as competências necessárias para se converterem em membros ativos da sociedade (García et al., 2009). O contexto familiar para além de ser um contexto importante para as crianças é igualmente relevante para os adultos.

A família é reconhecida como um sistema complexo e dinâmico de relações interpessoais pode assumir diversas configurações funcionais. As características funcionais da família referem-se à maneira como os membros que a constituem se relacionam, ou seja, como estabelecem e mantêm vínculos; como lidam com problemas

e conflitos; os rituais que cultivam; a qualidade das regras familiares; a definição de hierarquia e o delineamento dos papéis assumidos pelos membros da família (Cervený & Berthoud, 1997, 2002).

Segundo Belsky (1980) e Bronfenbrenner (2005), a família é o principal contexto no qual as crianças e jovens desenvolvem competências com o apoio dos adultos de referência, sendo o nosso desenvolvimento influenciado por fatores individuais, fatores familiares e outros fatores do meio, sendo a família o principal.

Desta forma, é determinante que os pais se constituam como modelos adequados e criem as condições necessárias para que os filhos possam desenvolver as suas capacidades (emocionais, sociais, de autonomia e comunicação e resolução de problemas) de forma mais completa possível, tanto dentro como fora da família.

Práticas parentais inadequadas (negligência, conflitos, violência) constituem um fator de risco para o desenvolvimento de cada um, aumentando a vulnerabilidade a um percurso de desajustamento pessoal e social.

Para Cervený e Berthoud (1997), as diferentes configurações familiares são moldadas pela correlação das características da estrutura, funcionamento e valores de cada família. A estrutura familiar surge a partir de dados objetivos, tais como: número de componentes, sexo, idade, religião, classe socioeconômica, escolaridade, nacionalidade e profissão. Associadas a esses fatores, no processo de desenvolvimento familiar, as posições e os papéis dos integrantes que fazem parte da organização, são desafiados e colocados à prova no jogo interacional e intergeracional, pelo qual se constitui o funcionamento da família. O funcionamento familiar, portanto, é o que configura a dinâmica familiar, relações hierárquicas e de poder.

Podemos considerar como famílias de risco para o desenvolvimento adequado das crianças, as famílias em que alguns membros sofreram ou sofrem de algum tipo de

maltrato, situações em que ocorra exclusão social, famílias monoparentais ou em que existam mães adolescentes, e, por último, famílias em situação de pobreza (De Paúl & Arruabarrena, 2001, citado por García et al., 2009).

As famílias em situação de risco psicossocial tendem a apresentar uma desestruturação ao nível das práticas educativas existentes no seu interior, não promovendo assim a atenção às necessidades de desenvolvimento das crianças. Os progenitores que integram famílias em situação de risco psicossocial, evidenciam necessidades tanto ao nível do desenvolvimento pessoal como de formação em competências parentais (Àlvarez-Dardet et al., 2010).

No que respeita ao nível educativo das famílias em situação de risco psicossocial tendem a apresentar uma desestruturação ao nível das práticas educativas existentes no seu interior, não promovendo a devida atenção às necessidades de desenvolvimento das crianças. Os progenitores que integram famílias em situação de risco psicossocial, evidenciam necessidades tanto ao nível do desenvolvimento pessoal como de formação em competências parentais (Àlvarez-Dardet et al., 2010).

Ao considerarmos o meio familiar como um contexto primário e fundamental de socialização e de interação mútua, torna-se bastante pertinente estudar e analisar o contexto familiar em que o próprio indivíduo se encontra inserido, o modo como a própria funciona, perceber quais são os principais apoios familiares no seu seio e quais os que contribuem para o seu equilíbrio.

Famílias com um tipo de funcionamento equilibrado geralmente tendem a funcionar de uma forma mais adequada, do que famílias com um tipo de funcionamento desequilibrado (Olson, 1999). No que respeita à coesão, as famílias equilibradas, manifestam ser tanto independentes como ligados à família.

Famílias ou casais considerados como equilibrados terão uma comunicação mais positiva em relação a sistemas desequilibrados. A capacidade de comunicação é vista como positiva no seio da relação, ajudando e facilitando os sistemas familiares e/ou casal a manter o equilíbrio nas dimensões coesão e adaptabilidade familiar (Olson, 1999).

O Modelo Circumplexo destaca-se essencialmente ao sistema familiar, integrando dimensões consideradas cruciais em modelos e abordagens teóricas de terapia familiar: coesão, adaptabilidade, comunicação e satisfação familiares (Olson, 2011).

A coesão familiar é definida como o vínculo emocional entre os membros da família (Olson, 2000), avaliando a proximidade e o distanciamento entre eles (Carvalho et al., 2018). Esta dimensão está relacionada com laços familiares, apoio entre os membros da família, limites internos e externos, relações externas, tomadas de decisão, relação entre pais e filhos, à autonomia e interesses (Olson, 2000; Nunes et al., 2020).

Deste modo, as famílias que apresentam uma coesão equilibrada são capazes de obter um equilíbrio entre a separação e a proximidade com os seus membros, ou seja, os indivíduos são independentes, mas simultaneamente ligados entre si (Carvalho et al., 2018). As famílias com uma coesão desequilibrada apresentam relações demasiado próximas e uma dependência entre os seus membros, havendo pouca separação pessoal e pouca privacidade (Carvalho et al., 2018).

A adaptabilidade está relacionada com a estrutura de poder na família, como a liderança e disciplina, à forma como ocorrem as negociações, aos papéis e relações entre os membros da família (Carvalho et al., 2018; Nunes et al., 2020). Esta dimensão diz respeito à capacidade que a família apresenta relativamente à mudança nos aspetos mencionados, esforçando-se por gerir de forma funcional as mudanças que ocorrem e a manutenção da estabilidade (Carvalho et al., 2018). As famílias com uma adaptabilidade equilibrada são capazes de conciliar as mudanças que ocorrem com a manutenção da

estabilidade (Olson, 2000). Assim sendo, um sistema familiar com um bom nível de adaptabilidade tem uma liderança igualitária e com uma abordagem democrática na tomada de decisões, as negociações que ocorrem dentro do seio familiar são abertas, incluindo ativamente todos os membros, sem exceção das crianças, as funções são partilhadas, existem alterações de forma natural quando existe necessidade e as regras podem ser alteradas, sendo adequadas à idade de cada elemento (Olson, 2000). Em contrapartida, as famílias com uma adaptabilidade desequilibrada são mais propícias a ter um funcionamento rígido ou caótico (Olson, 2000).

Relativamente às dimensões comunicação e satisfação familiares, este modelo concluiu que quanto mais equilibradas forem as famílias (em coesão e adaptabilidade), maiores níveis de comunicação e satisfação familiares são observados (Carvalho et al., 2018). A comunicação familiar é a capacidade de comunicar de forma positiva entre os elementos da família, envolvendo as competências de escuta ativa (empatia e atenção), diálogo, autorrevelação, clareza, respeito e consideração (Olson, 2011).

Conforme Adnyani e Supriyadi (2020), a família tem como uma das principais funções satisfazer todas as necessidades dos membros da família, existindo uma sensação de amor e união que encoraja cada membro da família a crescer por si próprio.

De acordo com a Teoria Familiar Sistêmica, a família é um sistema de relações interdependentes entre seus membros (Cerveney, 1994). Todas as famílias passam por etapas de desenvolvimento que contribuem para o crescimento dos membros que a constituem, bem como para constantes reestruturações na dinâmica familiar (Carter & McGoldrick, 1995).

Enquanto que a dinâmica familiar diz respeito à forma como os membros de uma família se relacionam e à capacidade de adaptação às mudanças do ciclo de vida, a estrutura de cada família remete para as regras que permitem ou não determinados

comportamentos e regulam a interação entre indivíduos (Minuchin, 1982). O funcionamento familiar, por sua vez, refere-se à inter-relação estabelecida entre a estrutura e a dinâmica, envolvendo o modo como lidam com conflitos e a determinação de papéis e níveis hierárquicos (Böing, 2014)

A transição para a vida adulta demanda como principais tarefas a constituição de novos relacionamentos íntimos, o estabelecimento de objetivos profissionais e a aquisição da independência financeira/emocional em relação à família de origem. Já por parte dos pais, a tarefa essencial envolve a construção de uma relação menos hierárquica com os filhos, oferecendo apoio emocional/financeiro, porém permitindo que os jovens adultos adquiram a sua própria autonomia, sem precisar cumprir todas as expectativas da família (Aylmer, 1995).

Conforme afirma Minuchin (1982), o funcionamento saudável de uma família não está ligado à ausência de problemas, mas ao seu nível de flexibilidade frente às mudanças intrínsecas ao ciclo vital.

Quando as famílias são desequilibradas, ou seja, não estipulam regras e limites claros, hierarquias e papéis definidos, e excesso de envolvimento emocional, podem contribuir para a manutenção da relação de dependência do jovem adulto. Por outro lado quando a família apresenta alto grau de rigidez, a comunicação fica prejudicada, originando um padrão de desligamento entre os membros (Minuchin, 1982).

2.Objetivos Gerais e Objetivos Específicos

O projeto de investigação presente “Funcionamento Familiar e Resistência à Mudança” pertence ao conjunto de estudos que se encontram a ser desenvolvidos no Centro de Investigação em Psicologia para o Desenvolvimento (CIPD), especificamente no projeto Personalidade e Funcionamento Positivo, da Universidade Lusíada Norte-Porto. O

principal objetivo deste projeto de investigação é perceber de que forma o funcionamento familiar se relaciona com a resistência à mudança, sendo a variável independente o funcionamento familiar e a variável dependente a resistência à mudança

Tendo como objetivos específicos os seguintes:

1. Descrever e analisar a relação entre o funcionamento familiar e a resistência à mudança.
2. Analisar a potencial relação entre as variáveis em estudo em função do sexo.

De acordo com os objetivos definidos foram formuladas as seguintes hipóteses:

Espera-se que:

1. “, Níveis maiores do Funcionamento Familiar se encontrem associados a menores níveis de Resistência à mudança”;
2. “Os indivíduos do sexo masculino apresentem maior resistência à mudança comparativamente ao do sexo feminino”;
3. “Níveis altos do funcionamento familiar se encontrem associados a maiores níveis de comunicação na família”;
4. “A Rigidez Cognitiva se encontre negativamente correlacionada com o Funcionamento Familiar”;
5. “A Rigidez Cognitiva se correlacione positivamente com a Resistência à Mudança “

3. Metodologia

3.1 Tipo de estudo

A presente investigação reconhece uma metodologia de base quantitativa. É um estudo correlacional, no sentido em que se pretende verificar a existência de uma relação entre duas variáveis.

De acordo com Montero & León (2007) trata-se de um estudo quantitativo empírico do tipo ex post facto.

3.2 Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 375 participantes, sendo este divididos por 112 do sexo masculino (29,9%) e 269 do sexo feminino (69,9%), com idades compreendidas entre os 18 e 88 anos, (M =31,49; DP = 15,5).

Esta amostra é maioritariamente composta por participantes português 357(95,2%), existindo também participante com nacionalidade brasileira 8 (2,1%), angolana 2 (0,5%), Francesa 2 (0,5%) e 6 (1,6%) participantes que não responderam (omissos).

No que toca aos participantes estudantes, 41 (10,9%) são do curso de Direito, 31 (8,3%) são de Gestão de Empresas, 33 (8,8%) são de Relações Internacionais, 52 (13,9%) são de Psicologia e 218 (58,1%) são estudantes que não estudam na Universidade Lusíada Norte-Porto.

Relativamente ao estado da profissão dos participantes a amostra é constituída por 168(44,8%) Estudantes, 145(38,7%) Empregados, 14 (3,7%) Desempregados, 20 (5,3%) Reformados, 18(4,8%) Trabalhador-estudante e 10(2,7%) que não responderam (Omissos).

Este estudo analisará dados de participantes do estudo genérico já desenvolvido pelo CIPD do estudo Personalidade e Funcionamento Positivo.

Com o intuito de selecionar os participantes que reúnem os critérios necessários para serem integrados neste estudo foram definidos critérios de inclusão, que são: ter idade igual ou superior a 18 anos, ser adultos da população normativa, saber ler e escrever.

Os critérios de exclusão são: não ser adulto, ser menor de idade, ter comprometimento cognitivo ou deficiência intelectual.

3.3 Instrumentos

De acordo com os objetivos propostos no presente estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos: questionário de dados sociodemográficos, o *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation* (SCORE-15) (Vilaça,Silva&Relvas,2015) e *The Resistance to Change (RTC)*.

3.3.1 Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico tem como objetivo facilitar a caracterização da amostra e contempla questões relacionadas aos fatores sociodemográficos, idade, sexo, nacionalidade, escolaridade, curso, profissão, estado civil, número de pessoas com quem o participante vive, nível de escolaridade dos pais, e rendimento mensal líquido do agregado familiar.

3.3.2 Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE -15)

O SCORE-15 é um questionário de autorresposta, indicado a membros de famílias com mais de 12 anos, composto por 15 itens. Avalia diversas dimensões do funcionamento familiar, nomeadamente, os Recursos Familiares (e.g. “Na minha família falamos das coisas que são importantes para nós”), Comunicação na Família (e.g. “Na minha família muitas vezes não se diz a verdade uns aos outros”) e Dificuldades Familiares (e.g. “Sentimos que é difícil enfrentar os problemas do dia-a-dia”) (Stratton et al, 2010). Cada dimensão apresenta 5 itens que correspondem à rotina da família, à natureza e impacto dos problemas familiares e a possíveis necessidades terapêuticas, sendo que o indivíduo avalia de que forma é que cada item descreve a sua família, recorrendo a uma escala de resposta de 5 pontos que varia de “Descreve-nos muito bem” a “Descreve-nos muito mal”.

A subescala Recursos Familiares conta com 5 itens e refere-se aos recursos e à capacidade de adaptação da família, a subescala Comunicação na Família engloba 5 itens e avalia a comunicação no sistema familiar, a subescala Dificuldades Familiares conta com 5 itens e remete para a sobrecarga das dificuldades no sistema familiar.

A versão portuguesa apresenta uma boa consistência interna a nível da sua escala global ($\alpha = ,84$), revelando ser um instrumento com propriedades psicométricas razoáveis, sendo um indicador válido do funcionamento e mudança familiares (Vilaça, Silva & Relvas, 2017). No presente estudo foram obtidos os seguintes índices de fiabilidade: Recursos familiares $\alpha = ,82$; Comunicação familiar $\alpha = ,73$; Dificuldades familiares $\alpha = ,66$; Score total $\alpha = ,89$.

3.3.3 The Resistance to Change (RTC) Scale

A escala de resistência à mudança (RTC) de 17 itens (Oreg et al., 2008) foi traduzida para português usando procedimentos semelhantes aos descritos por Mallinckrodt e Wang (2004). Todos os itens são pontuados em uma escala do tipo Likert que varia de 1 (discordo totalmente) a 6 (discordo totalmente). Deste forma pontuações elevadas representam maior disposição à resistência, quando maior for a pontuação maior será a resistência do indivíduo.

Relativamente à fiabilidade do instrumento, a versão original (Oreg, 2003), apresenta bons valores de consistência interna, sendo eles: Procura de Rotina (.75), Reação Emocional à Mudança (.71), Foco a Curto Prazo (.71), Rigidez Cognitiva (.69) e, na Escala total de Resistência à Mudança (.87).

No estudo realizado em 17 países (Oreg, 2008), relativamente à fiabilidade do instrumento este apresenta um alfa de Cronbach satisfatório de .70 ou superior.

Por último, no que concerne à adaptação realizada por Paulo Moreira, Richard A. Inman & Diana Cunha (2019) tendo em consideração o contexto escolar e após a remoção

dos itens 4 e 14, esta apresenta valores aceitáveis para três das quatro subescalas: Reação Emocional à Mudança ($\omega = .77$), Foco a Curto Prazo ($\omega = .77$), Rigidez Cognitiva ($\omega = .70$). Quanto à subescala Procura por Rotina, esta apresenta um valor indicativo de fiabilidade questionável ($\omega = .63$).

3.4 Procedimento de recolha de dados

A recolha de dados foi realizada em dois momentos sendo que o primeiro momento decorreu entre novembro de 2018 e fevereiro de 2019. A maior parte da recolha de dados foi feita presencialmente pelos investigadores do Centro de Investigação em Psicologia para o Desenvolvimento (CIPD). Apenas no caso da recolha de dados dos membros das famílias dos estudantes, os estudantes levaram, cada um, dez baterias dentro de envelopes para que os familiares e conhecidos pudessem preencher. Apenas os participantes que assinaram o consentimento informado é que participaram e preencheram os questionários.

O segundo momento de recolha de dados decorreu entre junho e julho de 2020, procedeu-se a um novo momento de recolha de dados após a autorização do Conselho de Administração das Universidades Lusíada. Foram contactados os regentes das disciplinas onde seria possível encontrar os alunos do momento, os professores responsáveis pela aplicação do formulário online enviaram o link para os estudantes que participaram no momento anterior de avaliação. Neste momento tal como no momento anterior apenas os participantes que assinaram o consentimento informado é que responderam aos questionários.

3.5 Análise de dados

A análise de dados foi efetuada com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences 27.0 (SPSS 27.0)*. Os dados recolhidos e introduzidos numa base de dados pelo software IBM SPSS versão 27 onde foi realizada a limpeza dos dados, computação das variáveis e a caracterização da amostra. Para a caracterização das variáveis

sociodemográficas foi necessário efetuar análises de estatística descritiva (frequência, média, moda, mediana, desvio-padrão, mínimos e máximos). Posteriormente realizou-se a limpeza da amostra Participantes, selecionando apenas os participantes que fossem maiores de 18 anos, devido a ser uma investigação direcionada apenas para a população considerada adulta (maiores de 18 anos).

De seguida aferiu-se se as variáveis em estudo (i.e., Funcionamento Familiar e Resistência à Mudança), cumpriam o pressuposto da normalidade, com recurso ao teste de normalidade de Kolmogorov – Smirnov. Uma vez que as variáveis violavam este pressuposto, recorreu-se a testes não paramétricos. Foi utilizado o teste U de MannWhitney, para perceber se existiam diferenças no funcionamento familiar e na resistência à mudança, em função do sexo. Este teste não paramétrico é a alternativa mais comum ao teste t de Student para amostras independentes (Field, 2018). É tomada por referência a mediana como medida de tendência central, para avaliar as diferenças entre as ordens dos dois grupos (MacFarland & Yates, 2016).

Posteriormente, foram efetuadas análises correlacionais, com recurso ao coeficiente de correlação de Spearman, a alternativa não paramétrica ao coeficiente correlação de Pearson, para verificar se o funcionamento familiar estava associado à resistência à mudança. O rho de Spearman permite minimizar os efeitos de violação dos pressupostos requeridos para a utilização do teste paramétrico (Field, 2018).

Por último, foi realizada a análise exploratória através do teste t para amostras independentes, para verificação de diferenças entre subgrupos.

4.1 Dados Sociodemográficos

A amostra do presente estudo, tal como mencionado no capítulo anterior, A amostra deste estudo é constituída por 375 participantes, sendo este divididos por 112 do sexo

masculino (29,9%) e 269 do sexo feminino (69,9%), com idades compreendidas entre os 18 e 88 anos, (M =31,49; DP = 15,5).

Esta amostra é maioritariamente composta por participantes portugueses 357 (95,2%), existindo também participante com nacionalidade brasileira 8 (2,1%), Angolana 2 (0,5%), Francesa 2 (0,5%) e 6 (1,6%) participantes que não responderam (omissos).

No que toca aos participantes estudantes, 41 (10,9%) são do curso de Direito, 31 (8,3%) são de Gestão de Empresas, 33 (8,8%) são de Relações Internacionais, 52 (13,9%) são de Psicologia e 218 (58,1%) são estudantes que não estudam na Universidade Lusíada Norte-Porto.

Relativamente ao estado da profissão dos participantes a amostra é constituída por 168(44,8%) Estudantes, 145(38,7%) Empregados, 14 (3,7%) Desempregados, 20 (5,3%) Reformados, 18(4,8%) Trabalhador-estudante e 10(2,7%) que não responderam (Omissos).

Tabela1. Estatísticas

Estatísticas	
N	375
Média	31,49
Erro Desvio	15,554
Mínimo	18
Máximo	88

Tabela2. Sexo do participante

Sexo do participante	N	%
Masculino	112	29,9%
Feminino	262	69,9%
999	1	0.3%

4.2 Diferenças em função do sexo

No que respeita às diferenças nas variáveis em estudo, observou-se que o sexo masculino apresenta maior rigidez cognitiva, comparativamente ao sexo feminino. Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os dois sexos, no que respeita às outras variáveis estudo (ver tabela 3).

Tabela 3

Diferenças em função do sexo

	Sexo	Mdn	Média dos postos	Soma Dos postos	Z	U	p
Procura de rotina	Masculino	2.80	199.63	22358.50	-1.42	13313.50	.16
	Feminino	2.80	182.31	47766.50			
Reação emocional	Masculino	3.75	176.76	19797.00	-1.26	13469.00	.21
	Feminino	3.75	192.09	50328.00			
Foco a curto-prazo	Masculino	3.00	190.43	21328.00	-.34	14344.00	.73
	Feminino	2.75	186.25	48797.00			
Rigidez cognitiva	Masculino	3.75	208.85	48797.00	-2.51	12280,500	.01
	Feminino	3.71	178.37	46733.50			
Resistência à mudança	Masculino	3.30	195.64	21912.00	-.95	13760.00	.34
	Feminino	3.24	184.02	48213.00			
Relações familiares	Masculino	1.99	197.71	22144.00	-1.20	13528.00	.23
	Feminino	1.80	183.13	47981.00			
Comunicação na família	Masculino	2.12	200.55	22461.50	-1.53	13210.50	.13
	Feminino	2.00	181.92	47663.50			
Dificuldades familiares	Masculino	2.09	199.25	22316.00	-1.38	13356.00	.19
	Feminino	2.00	182.48	47809.00			
Funcionamento familiar – Score total	Masculino	2.07	199.21	22312.00	-1.37	13360.00	.17
	Feminino	2.00	182.49	47813.00			

4.3 Correlações entre Resistência à mudança e Funcionamento familiar

Foram observadas correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Procura de rotina e as variáveis Dificuldades familiares e Funcionamento familiar. Ambas as correlações observadas são consideradas fracas. Não foram observados resultados estatisticamente significativos entre a variável Procura de rotina e as variáveis Relações familiares e Comunicação na família.

Não foram observados resultados estatisticamente significativos entre a variável Reação Emocional e as outras variáveis em estudo.

Foram observadas correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Foco a curto-prazo e as variáveis Comunicação na família, Dificuldade familiar e Funcionamento familiar. Estas correlações são consideradas fracas. Não foi observado resultados estatisticamente significativos entre a variável Foco a curto-prazo e a variável Relações familiares.

Foram observadas correlações negativas estatisticamente significativas entre a variável rigidez cognitiva e as variáveis Comunicação na Família, Dificuldade Familiar e Funcionamento familiar. As correlações são consideradas fracas. Não foram observados resultados estatisticamente significativos entre a variável Rigidez cognitiva e a variável Relações familiares.

Por fim, foi observada uma correlação positiva estatisticamente significativa entre as variáveis Resistência à mudança e Dificuldades familiares. Esta correlação é fraca. Não foram observados resultados estatisticamente significativos entre a variável Resistência à mudança e as variáveis Relações familiares, Comunicação na família e Funcionamento familiar.

Tabela 4*Correlações entre Resistência à mudança e Funcionamento familiar*

Variáveis	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.
1. Procura de rotina	1								
2. Reação emocional	.36**	1							
3. Foco a curto-prazo	.51**	.53**	1						
4. Rigidez cognitiva	.01	.02	-.02	1					
5. Resistência à mudança	.72**	.73**	.79**	.32**	1				
6. Relações familiares	.09	.07	.09	-.10	.06	1			
7. Comunicação na família	.08	.05	.11*	-.20**	.02	.56**	1		
8. Dificuldades familiar	.17**	.94	.19**	-.12*	.14**	.53**	.68**	1	
9. Funcionamento familiar	.14**	.08	.16**	-.17**	.08	.79**	.88**	.86**	1

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

4.4 Efeitos do Funcionamento Familiar na Resistência à mudança no sexo Masculino e no sexo Feminino.

Através do teste não-paramétrico verificou-se que existem diferenças estatisticamente positivas e negativas em ambos os sexos.

No que toca à variável Relações Familiares, observou-se um efeito negativo estatisticamente significativo entre a dimensão Rigidez Cognitiva, ou seja, quando maior a rigidez cognitiva menor será a relação com a família.

Relativamente à dimensão Comunicação na Família, apresenta uma correlação negativa estatisticamente significativa relativamente à Rigidez Cognitiva.

Na dimensão Dificuldades Familiares, foram observados correlações estatisticamente significativas relativamente à Rigidez Cognitiva, ou seja maiores níveis de rigidez cognitiva, associam-se a menor níveis de dificuldades familiares.

No que concerne às conclusões dos efeitos entre o funcionamento familiar e a resistência à mudança no sexo masculino e no sexo feminino, podemos concluir que em ambos os sexos encontram-se as mesmas diferenças estatisticamente positivas e negativas, podemos também encontrar um ponto comum em todas as dimensões em estudo, ou seja, todas as dimensões relacionam-se negativamente com a sub-variável Rigidez Cognitiva, para ambos os sexos. No que respeita a dimensão Resistência à Mudança não foram observadas correlações estatisticamente significativas.

Por último, observou-se uma correlação positiva estatisticamente significativa entre o Funcionamento Familiar e as sub-dimensões, Relações Familiares, Comunicação na Família e Dificuldades Familiares. Ou seja, maiores níveis do Funcionamento Familiar (Funcionamento Familiar desajustado) associa-se a maiores níveis de Relação Familiar, maiores níveis de comunicação na família e maiores níveis de dificuldades familiares, em ambos os sexos. Foram observadas correlações negativas estatisticamente significativas entre o Funcionamento Familiar e a Rigidez Cognitiva, ou seja, quando mais desajustada for o funcionamento familiar maior será a rigidez cognitiva.

5. Discussão de resultados

O presente estudo teve como objetivo analisar as relações entre o Funcionamento Familiar e a Resistência à mudança nos adultos em função do sexo. Deste modo, não se verificou a existência de efeitos estatisticamente significativos entre a Resistência à Mudança e o Funcionamento Familiar.

Relativamente à hipótese “Espera-se que, Níveis altos do funcionamento familiar se encontrem associados a maiores níveis de comunicação na família” observou-se a partir das análises estatísticas que a variável Funcionamento Familiar e a Sub-variável Comunicação na Família apresentam correlações positivas estatisticamente significativas. O que significa que quanto maior o Funcionamento Familiar (quanto mais

desequilibrada) maior a comunicação na Família (uma comunicação desajustada) , comprovando assim as evidências que mostram que, as famílias com um funcionamento familiar equilibrado apresentam bons níveis de comunicação, enquanto funcionamentos familiares desequilibrados apresentam défices na comunicação (Olson, 2000). No que concerne à dimensão comunicação na família, a hipótese é de que quanto mais equilibrada for a família, maiores níveis de comunicação na família é observado (Carvalho et al., 2018).

No que se refere à hipótese “Espera-se que A Rigidez Cognitiva se encontre negativamente correlacionado com o Funcionamento Familiar”, as correlações entre a Rigidez Cognitiva e a Comunicação na Família, Dificuldades Familiares e Funcionamento Familiar são negativas, indicando que níveis menores das dimensões do Funcionamento Familiar (melhor funcionamento familiar) se associam a maiores níveis de Rigidez Cognitiva. Os resultados suportam a investigação que mostra que, pessoas com alta rigidez cognitiva tendem a preferir ambientes familiares , tendo dificuldades em aceitar pessoas novas que não se encaixam no seu ambiente habitual (Steinmetz et al.,2011).

A hipótese “Espera-se que Os indivíduos do sexo masculino apresentem maior Resistência à Mudança comparativamente ao do sexo feminino”, suporta a investigação que diz que Relativamente à Resistência à Mudança em função do sexo feminino e masculino de acordo com a literatura, o sexo masculino evidencia maiores dificuldades a nível da aceitação das emoções (Shiovitz Lemonik,. 2015). Culturalmente os homens têm uma perceção mais rígida das atitudes e ações, o que também, atualmente é reflexo dos tempos mais antigos em que o homem era visto pelo resto da sociedade e pelos pares como o sexo forte, como aquele que tinha de ter atitudes mais diretas e mais racionais, não estando tao dispostos a novos caminhos e novas perspetivas. No caso da mulher talvez

fruto de tudo o que foi conquistando na sociedade, é um sexo que acabou por aprender que as mudanças existem e por isso devem adaptar-se a diferentes realidades e diferentes perspectivas o que muitas vezes significa aceitar mudanças em prol de si e dos outros nas várias áreas da vida.

Em relação à hipótese “Espera-se que, Níveis maiores do Funcionamento Familiar se encontrem associados a menores níveis de Resistência à mudança”, não foram observadas uma relação estatisticamente significativa entre as variáveis em estudo, acabando por não suportar a evidência que mostra que, Os adultos que expressam maior número de reações emocionais positivas desenvolvem relações parentais que proporcionam interações adaptativas e uma regulação comportamental adequada (Cummings & Davies, 1996). Um funcionamento equilibrado significa a existência de vinculações seguras, abertura para novas experiências, uma comunicação ajustada o que permite aos membros crescerem por si próprios, ou seja, individualmente, estando dispostos a todas as mudanças e adversidades da vida pois a família proporcionou um suporte familiar forte.

Por fim temos a hipótese, “ Espera-se que A Rigidez Cognitiva se correlacione positivamente com a Resistência à Mudança”, os resultados suportam a evidência que mostra que, um indivíduo rígido pode ser descrito como uma pessoa que demonstra uma incapacidade de ajustar o seu comportamento a um ambiente de mudança (Steinmetz, et al, 2011).

6. Conclusão

As famílias possuem competências e potencialidades distintas, capazes de criar oportunidades de interação e integração dos elementos que a constituem, tendo por base as suas práticas educativas e formativas, os aspetos de interação e de comunicação e os laços de afeto que os unem.

O funcionamento familiar é caracterizado pela capacidade da família em trabalhar de forma coesa e de se adaptar a diferentes situações (Minuchin, 1974, cit in Carvalho et al., 2018).

O propósito deste estudo incidiu na análise da relação entre o Funcionamento Familiar e a Resistência à Mudança, em função do sexo masculino e do sexo feminino. A avaliação e compreensão do funcionamento das famílias e de que forma a sua dinâmica impactua com a resistência à mudança, em termos práticos, planejar intervenções que propiciem a modificação de determinadas práticas prejudiciais ao funcionamento familiar saudável e, simultaneamente, promovam o bem-estar de todos os indivíduos e em particular em situações de mudança.

Afigura-se, por isso, relevante aprofundar a compreensão dos fatores negativos que potenciam as dificuldades dos adultos ou jovens adultos lidarem com situações de mudança, bem como a implementação de estratégias que permitam atenuar os problemas relativos a acontecimentos de mudança.

Como tal, foi possível compreender que o Funcionamento Familiar não é um preditor significativo da Resistência à Mudança, corroborando os diversos autores, destacando a importância do funcionamento familiar e tudo o que engloba o funcionamento em família com a resistência à mudança.

Em investigações futuras, seria importante de que forma as diferentes variáveis sociodemográficas influenciam o funcionamento familiar e a resistência à mudança e a relação entre os mesmos, seria fundamental abranger uma amostra mais diversificada, de forma a ser possível avaliar todos os aspetos relevantes e obter resultados significativos. Também seria importante avaliar outros aspetos, como a saúde física e mental dos pais ou a satisfação laboral, para perceber se seriam possíveis determinantes na resistência à mudança.

7.Referências

Alarcão, M. (2000). (Des)Equilíbrios Familiares. Coimbra: Quarteto Editora.
<http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1154531>

Álvarez-Dardet, S. M., García, M.V., García, L. J., Lara, B. L. & Hidalgo, J. S. (2010). Perfil psicossocial de famílias en situación de riesgo: un estudio de necesidades con usuarias de los Servicios Sociales Comunitarios por razones de preservación familiar. *Anales de Psicología*, 26(2): 378-389.
<http://hdl.handle.net/10272/6195>

Aylmer, R. C. (1995). O lançamento do jovem adulto solteiro. In: Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 169-183). (M. A. V. Veronese, Trad.). 2 ed. Porto.

Belsky, J. (1981). Early human experience: a family perspective. *Developmental Psychology*, 17(1): 3-23. [DOI:10.1037/0012-1649.17.1.3](https://doi.org/10.1037/0012-1649.17.1.3)

Block JH. Differential premises arising from differential socialization of the sexes: Some conjectures. *Child Development* 1983;54:1335–1354.
<https://doi.org/10.2307/1129799>

Böing, E. (2014). *Relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional*. Teses de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. [oai:repositorio.ufsc.br:123456789/128737](https://oai.repositorio.ufsc.br/123456789/128737)

Bonifácio, D. (2012). *Funcionamento Familiar, suporte social e Acontecimento de Vida Stressantes em Mães de Crianças* [Doctoral dissertation, Universidade do Algarve]. <http://hdl.handle.net/10400.1/5435>

Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*. Vol.2: Separation, anxiety and anger. New York: Basic Books. [DOI: 10.4236/crcm.2022.118046](https://doi.org/10.4236/crcm.2022.118046)

Brehm, S. S. & Brehm, J. (1981). *Psychological Reactance: A theory of freedom and control*. New York: Academic Press.

Briñol, P., Gallardo, I., Petty, R. E. & DeMarree, K. G. (2006). The role of selfaffirmation in consumer persuasion. *Advances in Consumer Research*, 33, 509-510. [doi: 10.1177/0146167207306282](https://doi.org/10.1177/0146167207306282).

Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, Trad.). 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1989).

Carvalho, L. F., Moreira, T. C., & Ambiel, R. A. M. (2017). Relações entre adaptabilidade de carreira e traços patológicos da personalidade em trabalhadores brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 17(3), 159-164. <https://doi.org/10.17652/rpot/2017.3.12931>.

Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (1997). *Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo. DOI:[10.1023/A:1026593800409](https://doi.org/10.1023/A:1026593800409)

Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (2009). Ciclo vital da família brasileira. In L. C. Osório, & M. E. P. Valle (Org.). *Manual de terapia familiar*. (pp. 25-37). Porto Alegre: Artmed. DOI:[10.1023/A:1026593800409](https://doi.org/10.1023/A:1026593800409)

Coghlan, D. (1993). A person-centred approach to dealing with resistance to change. *Leadership & Organization Development Journal*, 14(4), 10-14. doi: [10.1108/01437739310039433](https://doi.org/10.1108/01437739310039433). <https://doi.org/10.1108/01437739310039433>

COHEN, R. Allan; FINK, L. Stephen. *Comportamento Organizacional: conceitos e estudos de casos*. 7 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

Dias, R. (2008). *Sociologia das organizações*. São Paulo: Atlas.

Field, A. (2018). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics (5ª Ed.)*. Sage Publications

Galinhas, I., & Ribeiro, J. (2005). Contribuição para o estudo de uma versão portuguesa da Positive Negative Affect Schedule (PANAS): II estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, 2(XXIII),219–227.<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/5503>

García, M. V., Álvarez-Dardet, S. M., Hidalgo, J. S., Lara, B. L. & García, L. J. (2009). La intervención com famílias en situación de riesgo psicosocial: Aportaciones desde un enfoque psicoeducativo. *Apuntes de Psicología*, 27(2-3): 413-426. [doi: 10.1016/j.nrl.2018.10.001](https://doi.org/10.1016/j.nrl.2018.10.001).

García, M. V., Álvarez-Dardet, S. M., Hidalgo, J. S., Lara, B. L. & García, L. J. (2009). La intervención com famílias en situación de riesgo psicosocial: Aportaciones desde un enfoque psicoeducativo. *Apuntes de Psicología*, 27(2-3): 413-426. [doi: 10.1016/j.nrl.2018.10.001](https://doi.org/10.1016/j.nrl.2018.10.001).

Gomes, H. M. & Pereira, M. G. (2014). Funcionamento familiar e delinquência juvenil: A mediação do autocontrolo. *Análise Psicológica*, 4(32), 439-451. <http://dx.doi.org/1014417/ap.32.3.958>

Gomes, M. & Pereira, A. (2005). Famílias em situações de vulnerabilidades sociais: uma questão de políticas públicas in *Ciências & Saúde Colectiva* 10(2): 357-363 Universidade Estadual do Ceará. Gomez, E., Munoz, M. & Haz, A. (2007). Familias Multiproblemáticas y en Riesgo Social: características e intervención. *Psyche* 16(2), 43-54. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000200013>

Griffin, R., Phillips, J., Gully, S. (2019). Organization Change and Change Management. In *Organizational Behavior: Managing People and Organizations* (13º ed., pp. 520-555). Cengage. [DOI: 10.4236/ce.2014.57061](https://doi.org/10.4236/ce.2014.57061)

HERNANDEZ, José M. C.; CALDAS, Miguel P. Resistência à mudança: uma revisão crítica. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, 2001. [DOI:10.1590/S0034-75902001000200004](https://doi.org/10.1590/S0034-75902001000200004)

Kim, H. W. and Gupta, S. (2012), “Investigating Customer Resistance to Change in Transaction Relationship with an Internet Vendor”, *Psychology and Marketing*, vol. 29, no. 4, pp. 257–269. [DOI:10.1002/MAR.20519](https://doi.org/10.1002/MAR.20519)

Knowles, E. S. & Linn, J. A. (2004). The importance of resistance to persuasion. In E. S. Knowles & J. A. Lynn (Eds.), *Resistance and Persuasion* (pp. 3-10). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. 31 March 2014 [DOIhttps://doi.org/10.4324/9781410609816](https://doi.org/10.4324/9781410609816)

Kurtz, P., & Duncan, A. (1998). Shared service centres: Overcoming resistance to implementation of a shared services centre. *Management Accounting*, 76(7), 47-48. [DOI:10.1504/IJSCM.2006.011197](https://doi.org/10.1504/IJSCM.2006.011197)

Lewis, K. M., Byrd, D. A. & Ollendick, T. H. (2012). Anxiety symptoms in AfricanAmerican and Caucasian youth: relations to negative life events, social support, and coping. *Journal of Anxiety Disorders*, 26: 32-39. <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2011.08.007>

Mabin, V., Forgeson, S., & Green, L., 2001. Harnessing resistance: Using the theory of constraints to assist change management. *J. Eur. Ind. Train.* 25, 168-191. doi: 10.1108/EUM0000000005446. <https://doi.org/10.1108/EUM0000000005446>

Matejka, K., & Julian, R. (1993). Resistance to Change is Natural. *Supervisory Mangement*, 38(10), 10. [DOI: 10.1037/0021-9010.88.4.680](https://doi.org/10.1037/0021-9010.88.4.680)

Matos, A. R. & Sousa, L. (2004). How multiproblem families try to find support in social services. *Journal of Social Work Practice*, 18(1): 65-80. <https://doi.org/10.1080/0265053042000180590>

Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artmed.

Montero, I., & León, O. G. (2007). A guide for naming research studies in Psychology. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7, 847-862. <https://doi.org/10.4324/9781410613073>

Moreira, Inman, & Cunha (2019) doi: 10.1080/00223891.2019.16767611 28 equivalence of translated research instruments: A Chinese version of the Experiences in Close Relationships Scale. *Journal of Counseling Psychology*, 51, 368–379. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.51.3.368>.

Moreira, P. A. S., Inman, R. A., & Cunha, D. (2019). Addressing a need for valid measures of trait reactance in adolescents: A further test of the Hong Reactance Scale. *Journal of Personality Assessment*, 0(0), 1–13. <https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1585360>

Moreira, P. A. S., Inman, R. A., & Cunha, D. (2019). Addressing a need for valid measures of trait reactance in adolescents: A further test of the Hong Reactance Scale. *Journal of Personality Assessment*, 0(0), 1–13. <https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1585360>

Motta, P. R. (1998). *Transformação organizacional: A Teoria e a Prática de Inovar*. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed.

Olson, D. & Gorral, D. (2003). *Circumplex Model of Marital and Family Systems. Normal Family Processes*. New York: Guilford: 514-547. [DOI: 10.1111/j.1545-5300.1979.00003.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1979.00003.x)

Olson, D. (1999). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22: 144-167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>

Olson, D. (2011). Faces IV and the Circumplex Model: Validation study. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(1), 64-80. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>

Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of family therapy*, 22(2), 144–167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>

Olson, D., Portner, J. & Lavee, Y. (1985). *FACES III. Minnesota: Family Social Science*. DOI: [10.4236/health.2014.616248](https://doi.org/10.4236/health.2014.616248)

Oreg, S. (2003), “Resistance to change: Developing an individual differences measure”, *Journal of applied psychology*, vol. 88, no. 4, pp. 680. DOI: 10.1037/0021-9010.88.4.680

Oreg, S. (2003). Resistance to change: Developing an individual differences measure. *Journal of Applied Psychology*, 88(4), 680–693. DOI: 10.1037/0021-9010.88.4.680

Oreg, S. (2006). Personality, context, and resistance to organizational change. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 15 (1), 73 – 101. <https://doi.org/10.1080/13594320500451247>

Oreg, S., Bayazit, M., Vakola, M., Arciniega, L., Armenakis, A., Barkauskiene, R., ... van Dam, K. (2008). Dispositional Resistance to Change: Measurement Equivalence and the Link to Personal Values Across 17 Nations. *Journal of Applied Psychology*, 93(4), 935– 944. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.93.4.935>

Oreg, S., Nevo, O., Metzger, H., Leder, N., & Castro, D. (2009). Dispositional resistance to change and occupational interests and choices. *Journal of Career Assessment*, 17(3), 312– 323. <https://doi.org/10.1177/1069072708330599>

Palacios, J. & Rodrigo, M. J. (2009). In M. Rodrigo & J. Palacios. *Familia y desarrollo humano* (25-44). Madrid: Alianza Editorial.

Palacios, J., Hidalgo, M. V. & Moreno, M. C. (2009). In M. Rodrigo & J. Palacios. *Familia y desarrollo humano* (71-89). Madrid: Alianza Editorial.
[DOI: 10.1161/01.cir.102.18.2180](https://doi.org/10.1161/01.cir.102.18.2180)

Samuelson, W. and Zeckhauser, R. (1988), "Status quo bias in decision making", *Journal of risk and uncertainty*, vol. 1, no. 1, pp. 7-59.
<https://www.jstor.org/stable/41760530>

Steinburg, C. (1992). Taking charge of change. *Training & Development*, 46(3), 26-32.

Tavakoli, M. (2010). A positive approach to stress, resistance, and organizational change. *Procedia Social and Behavioral Sciences* 5, 1794-1798. doi: 10.1016/j.sbspro.2010.07.366. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2010.07.366>

Teixeira, G. *Qualidade no Ensino Superior: Gerenciamento de Mudanças nas Instituições de Ensino Superior*.
<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=17&txo=996> em 2007.

Van den Heuvel, M., Demerouti, E., Bakker, A. B., & Schaufeli, W. B. (2010). Personal Resources and Work Engagement in the Face of Change, in *Contemporary Occupational Health Psychology: Global Perspectives on Research and Practice*, Volume 1 (eds J. Houdmont and S. Leka), Wiley-Blackwell, Oxford, UK.
[DOI:10.1016/J.JVB.2013.02.004](https://doi.org/10.1016/J.JVB.2013.02.004)

Van den Heuvel, S., & Schalk, R. (2009). The relationship between fulfilment of the psychological contract and resistance to change during organizational transformations. *Social Science Information*, 48, 283-313. [doi: 10.1177/0539018409102415](https://doi.org/10.1177/0539018409102415).

Wadell, D., & Sohal, A. (1998). Resistance: A constructive tool for change management. *Management Decision*, 36(8), 543-548. [doi: 10.1108/00251749810232628](https://doi.org/10.1108/00251749810232628).

Zaltman, G., & Duncan, R. (1977). *Strategies for planned change*. New York: Wiley. <https://www.jstor.org/stable/43865910>

Zander, A. (1977). Resistência às modificações: Análise e prevenção. In Y. F. BALCÃO & L. L. Cordeiro, 3. ed. *O comportamento humano na empresa*. (pp. 371-80). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.